

Experimentos em historiografia literária: novas possibilidades

Marcello de Oliveira Pinto (UERJ)

A atenção dada à escrita de histórias de literatura nas últimas décadas sugere que este seja o momento oportuno para se explorar e se problematizar os desafios propostos pelos novos paradigmas do fazer historiográfico. Além disso, as recentes investigações empíricas oxigenam as descrições do sistema literário e sugerem novas veredas a serem exploradas.

A minha contribuição atual para o Seminário Permanente de Estudos Literários objetiva trilhar este caminho através de uma reflexão sobre o conceito de história da literatura e os recentes experimentos que sugerem novos caminhos deste fazer.

Minha investigação parte do pressuposto de que uma atividade de pesquisa se instaura e é legitimada num espaço específico de produção científica. Isso significa dizer que entendo a ciência como atividade teórica, concebida como uma forma específica de ação social com a finalidade de construir estratégias para solucionar problemas que transcendem o senso comum do saber cotidiano. A partir desta ótica, pode ser elaborada uma série de normas que pautem esta ação em função de postulados já vistos, mas transferidos, neste caso, para um plano diferente (OLINTO, 1993). Segundo Olinto, esta posição não referenda a noção de uma aproximação gradativa e instauradora de uma relação entre um indivíduo e um objeto. Os progressos na acumulação de saber empírico durante a história não conduzem à

verdade. Eles apenas podem ser entendidos como transformações individuais e sociais e de sistemas de valor. Ao se divorciarem de conceitos tradicionais de verdade, perspectivas construtivistas sugerem que seja delineado um conhecimento útil, em substituição à busca do conhecimento verdadeiro ou objetivo (OLINTO, 2003). No espaço dos estudos literários, Schmidt, a partir destas razões, convida-nos a abandonar a fixação exclusiva em textos individuais e somar (sem excluir) a atividade da interpretação da obra ao vasto espaço de ação daqueles inseridos no sistema literário. Acrescenta-se, então a cartografia dos estudos literários outros elementos, como, por exemplo, as estruturas sociais e instituições; as ordens simbólicas de conhecimento cultural; as comunicações; suas funções em determinados espaços sociais; o seu impacto estético; e os próprios atores sociais e seus domínios cognitivos (SCHMIDT, 1982).

Inserido nesta perspectiva, o estudo proposto tornar-se-á relevante, pois pretende oferecer um modelo complexo do fenômeno literário, à luz da postura acima delineada. Desta forma, poder-se-á contribuir com uma proposta de ações metaliterárias que coadunem com os processos internos do sistema mencionado e com a busca da descrição dos pressupostos epistemológicos do agir literário. Neste cenário a hipótese fundamental é a percepção da história da literatura como uma ação inserida num sistema literário, e que o contato dos atores sociais com as histórias faz parte de uma socialização literária que estabiliza um domínio de ações e um conceito de literatura. Pretendo, portanto, desenvolver uma reflexão teórica sobre elementos

observados e descritos, operando de acordo com as bases metateóricas definidas por Sneed (1976), Kuhn (1970) e Stegmuller (1976) e objetivando atingir:

- a teoricidade ao conceber a literatura de acordo com os elementos teóricos da Ciência Empírica da Literatura;
- a empiricidade através da proposta de análise das contribuições de pesquisas de campo e da formulação de terminologias e assertivas derivadas do corpo teórico explicitado;
- e a aplicabilidade, seja na viabilidade da implantação desta pesquisa, seja na intenção de promover estímulos e perturbações sistêmicas que gerem outros estados no sistema literário e no sistema acadêmico ao se promover uma teorização do sistema literário

Ainda, de acordo com a proposta de descrição de um modelo teórico do sistema literário, buscarei, através da montagem de estruturas conceituais, produzir impacto experiencial (observável e detectável) no universo de ação deste sistema.

No intuito de apresentar o caminho das reflexões desenvolvidas, apresentarei agora alguns experimentos historiográficos e os elementos de sua organização:

1. Uma obra representativa de um novo projeto para a produção historiográfica acima aludida é a *Columbia Literary History of The United States* (1988). T. Eliott, um dos editores da obra, indica que a montagem é o grande diferencial do projeto. Segundo ele. Essa nova história da literatura é construída formalmente segundo o

modelo de uma galeria de arte cujas várias portas de entrada disponíveis garantem o acesso aos diversos corredores. Diferente da maioria das obras de história da literatura até então publicadas, a *Columbia History* abdicava da tentativa de oferecer uma visão ampla e “monumental” da literatura estadunidense e destacava a pluralidade, a diversidade, a complexidade e a contradição, a medida que optou por um modo de representação não linear do passado. A sua organização estrutural contrasta, também, com perspectivas que sugerem um discurso único e globalizante. A obra, a partir destes pressupostos, se organiza através de contribuições de diferentes autores, que em ensaios individuais em sua forma original, debatem assuntos relacionados a produção literária dos estados unidos, sem intervenção sintetizadora que pudesse transformar a coletânea, de autoria e compromissos teóricos e estéticos diversos, em narrativa linear e coerente. A sua concepção, envolve também, uma necessária exposição da situação das questões fundamentais envolvidas na produção de uma história da literatura, inclusive a própria natureza da sua determinação. Na sua apresentação, por exemplo, o editor comenta o título e apresenta as orientações político-sociais que envolvem a construção da obra e a delimitação de seu conteúdo e material através do conceito geográfico.

(...) what do we mean by " United States," and how do the words "Literary History of the United States" in the title signify something different from "A History of American Literature"? To place the stress upon the United States is to acknowledge that for many people in the world the term "American" is not synony-

mous with "United States" but refers to all of the countries on the North American continent. By the use of the term "United States," however, we do not wish to exclude the pre-Columbian and colonial writing that preceded 1776. A related problem is that of language: because English is the dominant language in the United States today, should non-English writings be excluded from this study? The answers to these questions involve matters of judgment about which there is much debate. For the sake of clarity and consistency in this volume, we have concluded that by the "literature of the United States" we mean all written and oral literary works produced in that part of the world that has become the United States of America. (ELIOTT, 1988, p. xix).

Desta forma, estão presentes na obra tanto autores canônicos e autores que ora se destacavam no cenário literário estadunidense como aqueles que representavam tradições divergentes, como, por exemplo, os autores indígenas, a produção literária hispânica, judia e asiática, todas não necessariamente produzidas em língua inglesa. (ELIOTT, 1988). Ainda sobre seus fundamentos, o editor comenta:

No less complex and important a matter is what we mean by "literary." The editors of the 1948 *Literary History of the United States* defined the term as pertaining to works of "excellent expression." In the last forty years, the practice of criticism has called the usefulness of such a definition into question by asking whether the prerogative to determine what is literary is that of the author, the critic, or the readers, and how such a seemingly arbitrary decision can be made at all. At the moment, critics are too divided on these issues to concur in a single definition of literary art, and the definition of "literature" has expanded to include various forms of expression, such as the diary, the journal, scientific writing, journalism, autobiography, and even film. For this volume, decisions about what texts are treated as "literary" have been largely the responsibility of each contributor in consultation

with the editors. These choices will always be open to debate.
(ELLIOTT, 1988, p. 24)

A importância desta obra no cenário dos estudos literários e da história da literatura é fundamental, pois sugere uma nova possibilidade de entendimento tanto do que seja literatura como também do que significa estudar literatura, já que o leitor pode viver a experiência paradoxal do contato com elementos articulados de maneira aleatória numa estrutura harmônica ou dissonante, sem pretensões de síntese (OLINTO, 2002).

Na esteira de novas propostas e novos modelos, surge, no final dos anos 90, uma série de produções na fronteira entre a história e a biografia que focalizam nas trajetórias individuais e objetivam promover uma auto-reflexão sobre um processo de construção de conhecimento. Essas obras, as ego-histórias, são descrições da própria história de vida de intelectuais que enfatizam questões institucionais, acadêmicas, sobre suas formação como figura ativa num determinado espaço sistêmico e a sua inserção em contextos político-históricos. Este tipo de produção, além de despertar os interesses subjacentes as conexões entre o mundo privado, profissional e social e toda a sorte de curiosidades que as descrições possam sugerir, pode apontar também para uma série de indagações sobre a relação entre o fazer historiográfico como elemento de um sistema social e o papel do historiógrafo.

Neste sentido, a coletânea *Essais d'ego-histoire* (NORA, 1987), baseada em depoimentos de sete entre os mais representativos no-

vos historiadores franceses, responsáveis, em parte, pela mudança paradigmática disseminada pela historiografia francesa a partir dos anos 70, é uma das suas realizações mais significativas (NORA, 1987). Em primeira pessoa do singular, a obra é composta por “autobiografias intelectuais” de Maurice Agulhon, Pierre Chaunu, Georges Duby, Raoul Girardet, Michelle Perrot, Jacques Le Goff e René Rémond. Em seus textos, os autores elaboram comentários sobre aspectos de sua vida privada, estabelecendo relações entre episódios de suas de sua vida e as suas experiência profissional e acadêmico-institucional.

A contribuição de Jacques Le Goff, por exemplo, prima por excluir os elementos de sua vida privada que não esclareçam a sua vida de historiador. Le Goff discorre em seu ensaio sobre as suas lembranças da infância em família e o papel importante da sua fé, que o fortificou ao enfrentar experiências difíceis vividas durante a ocupação nazista, e sobre a estabilidade gerada após seu casamento. Le Goff, em suma, objetivou com sua contribuição ao volume discorrer sobre o encontro de seu empenho como historiador e da compreensão do seu tempo através de sua biografia.

Um dos mais contundentes relatos da obra foi o de Pierre Chaunu. Ele declara a sua oposição ao movimento estudantil de maio de 68 colocando-se convictamente “daí em diante à direita.” (p. 92). O autor confessa explicitamente, por exemplo que “se 1968 foi um choque, a legalização do aborto que é, a meu ver, o homicídio absoluto, e a campanha de manipulação ou de desinformação que

preparou o terreno para a destruição de toda ética, foram um choque infinitamente maior.” (p.94).

Mais recentemente um projeto ambicioso tentou se afastar da perspectiva tradicional. O volume *Brazil 2001: A Revisionary History of Brazilian Literature and Culture* (Brasil 2001: A História da Literatura e da Cultura Brasileiras em Revista), um volume duplo (4/5) do periódico temático *International Portuguese Literary & Cultural Studies*, editado pelo Centro de Estudos e Cultura Portugueses da Universidade de Massachusetts Dartmouth. Este volume duplo do PL&CS, que tem como editor-convidado o prof. João Cezar de Castro Rocha, do Departamento de Literatura Comparada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) inclui, em suas 758 páginas, reúne 65 textos assinados por grandes nomes, entre os quais apenas seis não são brasileiros ou não estão radicados no Brasil, representando várias universidades tanto nacionais como estrangeiras. Entre eles, estão Ítalo Moriconi, Heloísa Buarque de Hollanda, Luiz Costa Lima, Walnice Nogueira Galvão e Silviano Santiago, entre muitos outros que revisaram vários aspectos da cultura brasileira, percorrendo de Pero Vaz de Caminha e José de Anchieta, a Gilberto Freyre (uma das seções do volume é dedicada ao sociólogo) e Câmara Cascudo, passando por Machado de Assis, João Cabral, Monteiro Lobato, Clarice Lispector, Lévi-Strauss, Elizabeth Bishop e uma série de outros nomes que, brasileiros ou não, ligaram-se de alguma forma à cultura nacional, participando de sua construção.

Na introdução de sua obra, intitulada “There is no Brazil: A Poet’s Writing of Cultural History” (Não há Brasil: A Escrita da História Cultural por um Poeta), o prof. João Cezar de Castro Rocha explica que *Brazil 2001* vai de encontro ao desafio de se escrever a história cultural e literária desta complexa nação sem definir sua nacionalidade. As histórias literárias e culturais, afirma, não deveriam ser escritas para oferecer respostas, como a obsessão com a identidade nacional o faria. Deveriam servir para visualizarmos novas abordagens e, portanto, dar origem a novos questionamentos. Este desafio foi atingido em *Brazil 2001* através da reconstrução de diversas e, às vezes, oposta as noções de identidade nacional. O autor afirma contribuir para o final de um ciclo histórico que começou com as primeiras tentativas românticas de realizar um bosquejo da alma nacional brasileira, divorciando o entendimento da literatura e da cultura brasileira da tautologia da busca de uma identidade nacional. A concepção e organização do volume resultam no que pode ser denominado como “enciclopédia pós-moderna”: um livro organizado cronologicamente, porém lacunar; e, por abrigar textos de autores diferentes, possivelmente contraditório em vários pontos. A vantagem desse tipo de organização é que ela evidencia, na própria forma material do livro, a renúncia ao que sempre foi o objetivo básico da disciplina: a busca de um quadro totalizante do passado.

No conjunto dos ensaios da obra, a questão da identidade nacional repetidamente emerge e a literatura brasileira funciona como a

personagem central. Não há como deixar de perceber uma insistência na questão da nacionalidade na natureza dos artigos, muito embora não haja realmente apenas uma visão que funcione como eixo central e orientador de toda a obra. A temática, a meu ver, inviabiliza apenas a proposta “revisionária” da obra, sugerida pelo organizador, no sentido de abandonar um eixo temático que predominou na crítica da literatura no Brasil. Por outro lado, o volume procura acompanhar as tendências atuais muito mais através da sua proposta organizacional do que temática que, como visto acima, revelava a intenção de ser uma voz sobre a cultura brasileira.

2. Os exemplos acima sugerem que os novos experimentos buscam se organizar a partir de uma intensa reflexão sobre a sua própria natureza como construto. A percepção de que a produção de relações se relaciona diretamente com a escolha da forma de apresentação usada em uma história literária é um dos itens em pauta. A narração passa a ser seriamente questionada como um princípio de representação, e sugestões para experiências relacionais diversas são postas em prática. Uma outra reflexão seria sobre as obras, as referências e os outros elementos que o historiador deve utilizar para construir sua história da literatura.

Em suma, estas problematizações apontam para a tendência dos historiadores de levar em consideração princípios construtivistas, sugerindo redirecionamentos na forma como os historiadores entendem as categorias (a idéia de passado, o papel do historiador e o sentido da história, o que se entende por sociedade, realidade, e

linguagem, por exemplo) que fazem parte do empenho de se produzir um discurso historiográfico.

Referências bibliográficas:

CHAUNU, Pierre. “O filho da morta”. **In:** Pierre Nora. Ensaios de ego-história. Lisboa: Edições 70, 1989. p. 63-107.

ELLIOT, T. et alii. Columbia literary history of the United States. New York: Columbia UP, 1988.

HOLLIER, Denis. “On Writing Literary History”. **In:** _____. (Org.). A new history of French Literature. Cambridge: Harvard UP, 1989. p. xxi-xxv.

KUHN, T. S. The Structure of Scientific Revolutions. London: Routledge, 1970.

Le GOFF, Jacques. “O desejo pela história”. **In:** Pierre Nora. Ensaios de ego-história. Lisboa: Edições 70, 1989. p.171-235.

NORA, Pierre. Essais d’ego-histoire. Paris: Gallimard, 1987.

OLINTO, Heidrun Krieger. “A teoria na prática é outra”. **In:** Ciência da Literatura Empírica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. p. 13-33.

_____. Letras na página/palavras no mundo. Palavra, 1, 1993, p.7-40.

_____. “Como falar de Histórias (de literatura?) Hoje?”. **In:** _____. (Org.). Revista Palavras. Rio de Janeiro: Trarepa, 2000. p.114-23.

_____. “Voracidade e velocidade. Historiografia literária sob o signo da contingência”. **In:** História da literatura. Teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

_____. “Processos culturais e midiáticos em uma ótica construtivista”. **In:** Pontes e Transgressões. Rio de Janeiro: Edufrij, 2003. p. 7-18.

ROCHA, João Cezar de Castro (Ed.). Brazil 2001: a Revisionary History of Brazilian Literature and Culture. Dartmouth: Portuguese Literary & Cultural Studies Journal Vol. 4/5. University of Massachusetts, 2001.

RUSCH, Gebhard. “Literatur in der Gesellschaft”. **In:** SCHMIDT, Siegfried J. (Org.) Literaturwissenschaft und Systemtheorie. Positionen, Kontroversen, Perspektiven. Opladen: Westdeutscher Vlg., 1993. p. 170-93.

SCHMIDT, S. J. Foundations for the Empirical Study of Literature: The Components of a Basic Theory. Trans. R. de Beaugrande. Hamburg: Helmut Buske, 1982.

SNEED, J. D. Philosophical problems in the empirical science of science: a formal approach. Erkenntnis 10 (1976). P. 115-46.

STEGMÜLLER, W. “Der sogenannte Zirkel des Verstehens”. **In:** HÜBNER, K. e MENNE, A. (Ed.) Natur und Geschichte. Hamburg: Meiner, 1974. p. 21-46.